

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Padre Antônio Vieira
Sermão de São Pedro



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Padre Antônio Vieira

Sermão de São Pedro

**Antônio Vieira
(1608 – 1697)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 756



Poeteiro Editor Digital
PROJETO LIVRO LIVRE
São Paulo - 2016
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do Padre Antônio Vieira: “*Sermão de São Pedro*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

SERMÃO DE SÃO PEDRO
PREGADO EM LISBOA, EM S. JULIÃO, NO ANO DE 1644
À VENERÁVEL CONGREGAÇÃO DOS SACERDOTES



Vos autem quem me esse dicitis?
S. Mateus, XVI.

CAPÍTULO 1

Mui seguro está do seu valor quem tira a sua opinião ao campo. E se é temeridade tomar-se com muitos, com todo o mundo se tomou quem desafiou sua fama. Na ocasião de que fala S. Mateus (cujo é o Evangelho que hoje nos propõe a Igreja) diz que perguntou Cristo, Senhor nosso, que diziam dele os homens: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?*

Perguntou o Senhor, para que os senhores que mandam o Mundo se não desprezem de perguntar. Se pergunta a sabedoria divina, porque não perguntará a ignorância humana? Mas esse é o maior argumento de ser ignorância. Quem não pergunta, não quer saber; quem não quer saber, quer errar. Há porém ignorantes tão altivos, que se desprezam de perguntar, ou porque presumem que tudo sabem, ou porque se não presume que lhes falta alguma coisa por saber. Deus guie a nau onde estes forem os pilotos.

Não perguntou o Senhor o que era, senão o que se dizia: *Quem dicunt?* Antes de se fazerem as cousas, há-se de temer o que dirão; depois de feitas, há-se de examinar o que dizem. Uma coisa é o acerto, outra o aplauso. A boa opinião de que tanto depende o bom governo, não se forma do que é, senão do que se cuida; e tanto se devem observar as obras próprias, como respeitar os pensamentos e línguas alheias. A providência com que Deus permite a murmuração, é porque talvez de tão má raiz se colhe o fruto da emenda. E se eu de murmurado me posso fazer aplaudido, porque me não informarei do que se diz?

Respondendo os Discípulos à questão, referiram os pareceres ou ditos do povo a respeito da pessoa de Cristo. Eram do povo, claro está que haviam de ser errados: *Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii vero Jeremiam, aut unum ex prophetis*: “Uns diziam que era o Baptista, outros que era Elias, outros que era Jeremias, ou algum dos profetas antigos”. Antigos não disse São Mateus, mas advertiu-o S. Lucas: *Unus propheta de prioribus surrexit*. Grande é o ódio que os homens têm à idade em que nasceram. Não diziam que era um profeta

como os antigos, senão um deles: *Unus de prioribus*. Pois assim como antigamente houve também profetas, não poderia também agora haver um? Cuidam que não. Por melhor milagre tinham ressuscitar um dos profetas passados, que nascer em seu tempo outro como eles. Tudo o moderno desprezam, só o antigo veneram e acreditam. E porque a Cristo lhe não podiam negar a sabedoria, fingiam-lhe a antiguidade. Ora desenganem-se os idólatras do tempo passado, que também no presente pode haver homens tão grandes como os que já foram, e ainda maiores: Cristo passava pouco dos trinta anos, e tudo o que souberam os antigos e antiquíssimo, era aprendido dele.

E vós, Discípulos meus (continua o Senhor), vós que não sois povo e estudais na minha escola, quem dizeis que sou eu?: *Vos autem quem me esse dicitis?* Estas são as palavras que tomei por tema e ficam para o discurso. Respondeu a elas, por todos, S. Pedro: *Tu es Christus, Filius Dei vivi*: “Vós, Senhor, sois Cristo, Filho de Deus vivo”. Aludiu primeiramente aos deuses dos Gentios, que eram estátuas mortas. Queira Deus que entre os Cristãos não haja também estes ídolos. Não sendo mais que umas estátuas, querem que os adoremos como deuses. Mas além desta alusão, ainda subiu mais alto o pensamento de S. Pedro. Cristo é Filho de Deus, e nós também somos filhos de Deus: *Dedit eis potestatem Filios Dei fieri*. Em que se distingue logo Cristo de nós? Em que Cristo é Filho de Deus vivo, nós somos filhos de Deus morto. Cristo Filho de Deus vivo, porque Deus, que é imortal, o gerou *ab æterno*; nós filhos de Deus morto, porque o mesmo Cristo, morto nos braços da cruz, foi o que nos gerou de novo e nos deu este segundo e mais sublime nascimento.

Não tinha S. Pedro bem acabado a confissão da sua fé quando o Senhor lha premiou com a certa esperança da maior dignidade. Ele disse a Cristo o que era, e Cristo disse-lhe a ele o que havia de ser:

Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo ecclesiam meam: “E eu te digo, Pedro, que tu és Pedro, e sobre esta pedra hei de fundar a minha Igreja”. De tal maneira obra Deus com a sua e suma sabedoria, que parece se emenda com a experiência. Arruinou-se-lhe a primeiro edifício, porque o fundou em um homem de barro; para que lhe não arruíne o segundo, funda-o em um homem de pedra. Retrata-se do que tem feito, Deus, que não pode errar; e os homens estão tão namorados de seus erros, que antes os vereis obstinados, que arrependidos. Dirão que é timbre este de entendimentos angélicos, porque nenhum anjo errou que se retratasse. Eu digo que não é senão contumácia de entendimentos diabólicos, porque nenhum anjo errou, que não fosse demônio.

Todos os demônios do Inferno, diz Cristo que não prevalecerão contra sua Igreja: *Portæ inferi non prævalebunt adversus eam*. E porque não basta estarem as portas inimigas defendidas, se as próprias não estiverem seguras, à fidelidade

de Pedro cometeu o Senhor as chaves do seu Reino: *Tibi dabo claves regni cælorum*. Primeiro lhe chamou homem de pedra e depois lhe entregou as chaves, porque as chaves do Reino só em homens de pedra estão seguras. Os homens de barro quebram, os de pau corrompem-se, os de vidro estalam, os de cera derretem-se; tão duro e tão constante há de ser como uma pedra, quem houver de ter nas mãos as chaves do Reino: *Tu es Petrus, tibi dabo claves*.

E qual há de ser o ofício ou o exercício destas chaves? Fechar e abrir? Não diz isso o Senhor. As chaves que abrem e fecham, podem abrir para dentro e fechar para fora. Por isso vemos os tesouros tão estreitos e tão fechados para os outros, e tão largos e tão abertos para os que têm as chaves. Que havia logo de fazer com elas S. Pedro? Atar e desatar, diz Cristo: *Quodcumque ligaveris, erit ligatum: quodcumque solveris, erit solutum*. A peste do governo é a irresolução. Está parado

o que havia de correr, está suspenso o que havia de voar; porque não atamos, nem desatamos. Não debalde escolhe Cristo para o governo da sua casa um homem tão resoluto como Pedro. Se Cristo lhe não mandara embainhar a espada, bem necessárias lhe eram as ataduras para as feridas. Assim há de ser quem há de obrar, e não homens que nem atam, nem desatam. Aqui pára a história do Evangelho: para passarmos ao discurso, peçamos a graça: Ave Maria.

CAPÍTULO 2

Vos autem quem me esse dicitis?

Suposto andarem tão válidas no púlpito e tão bem recebidas do auditório as metáforas, mais por satisfazer ao uso e gosto alheio, que por seguir o gênio e ditame próprio, determinei na parte que me toca desta solenidade, servir ao Príncipe dos Apóstolos também como uma metáfora. Busquei-a primeiramente entre as pedras, por ser Pedro pedra, e ocorreu-me o diamante; busquei-a entre as árvores, e ofereceu-se-me o cedro: busquei-a entre as aves, e levou-me os olhos a águia: busquei-a entre os animais terrestres, e pôs-se-me diante o leão; busquei-a entre os planetas, e todos me apontaram para o Sol; busquei-a entre os homens, e convidou-me Abraão; busquei-a entre os anjos, e parei em Miguel. No diamante agradou-me o forte, no cedro o incorruptível, na águia o sublime, no leão o generoso, no Sol o excesso da luz, em Abraão o patrimônio da Fé, em Miguel o zelo da honra de Deus. E posto que em cada um desses indivíduos, que são os mais nobres do Céu e da Terra, e em cada uma de suas prerrogativas achei alguma parte de S. Pedro, todo S. Pedro em nenhuma delas o pude descobrir. Desenganado pois de não achar em todos os tesouros da natureza alguma tão perfeita, de cujas propriedades pudesse formar as partes do meu panegírico, (que esta é a obrigação da metáfora) despedindo-me dela e deste

pensamento, recorri ao Evangelho para mudar de assunto; e que me sucedeu? Como se o mesmo Evangelho me repreendera de buscar fora dele o que só nele se podia achar, as mesmas palavras do tema me descobriram e ensinaram a mais própria, a mais alta, a mais elegante e a mais nova metáfora, que eu nem podia imaginar de S. Pedro. E qual é? Quase tenho medo de o dizer! Não é cousa alguma criada, senão o mesmo Autor e Criador de todas. Ou as grandezas de S. Pedro se não podem declarar por metáfora, como eu cuidava, ou se há ou pode haver alguma metáfora de S. Pedro, é só Deus. Isto é o que hei de pregar, e esta a nova e altíssima metáfora que hei de prosseguir. Vamos ao Evangelho.

Vos autem quem me esse dicitis? E vós quem dizeis que sou eu? Aquele *vos autem* refere esta segunda pergunta à primeira. Na primeira tinha dito o Senhor quem dizem os homens; nesta segunda diz: E vós, quem dizeis? De sorte que a pergunta e a questão era a mesma, e só as pessoas diferentes. Mas também esta diferença parece dificultosa de entender. Os Apóstolos não eram homens? Sim. Pois se Cristo na primeira pergunta tinha dito quem dizem os homens, parece que já ficavam incluídos nela os mesmos Apóstolos; porque os distingue logo o Senhor dos outros homens com uma exclusiva tão manifesta como a daquele *vos autem*? O reparo não é menos que de S. Jerônimo, a quem a mesma cadeira de S. Pedro tem canonizado não só pelo maior Doutor, senão o Máximo na exposição das Escrituras Sagradas. E que responde S. Jerônimo? Diz que distinguiu Cristo aos Apóstolos dos outros homens, porque os Apóstolos não são homens. E se não são homens, que são? São anjos? São arcanjos? São querubins? São serafins? Muito mais: são Deuses. Palavras expressas do doutor Máximo: *Prudens lector, attende quod ex consequentibus, textuque sermonis Domini Apostoli nequaquam homines, sed Dii appellantur.* “Advirta o prudente leitor, que, segundo este texto e a consequência destas palavras de Cristo, os Apóstolos não são homens, nem se chamam homens, senão Deuses”: *Nequaquam homines, sed Dii.*

Grande dizer, e tão grande, que não só diz tudo o que eu queria, e o meu assunto há mister, senão muito mais. Diz tudo, porque afirma expressamente a metáfora e semelhança de Deus, quanto ao nome, quanto à dignidade e quanto à diferença e soberanias desta divindade superior absolutamente a todo o ser humano: *Nequaquam homines.* Mas diz muito mais do que o meu assunto prometeu e há mister, porque ele supõe a excelência desta prerrogativa como própria de S. Pedro, e singularmente sua, e de nenhum outro, e S. Jerônimo parece que a estende a todos os Apóstolos: *Apostoli nequaquam homines, sed dii appellantur.* De onde se segue que esta extensão, posto que em pessoas de tão alta dignidade, desfaz muito a singularidade de S. Pedro da minha metáfora e do meu intento; porque fica sendo uma prerrogativa, senão de todos, ao menos de muitos.

CAPÍTULO 3

Vamos devagar, que o ponto o pede. Primeiramente não nego, nem se pode negar que o texto parece que fala com todos os Discípulos e Apóstolos, a quem o divino Mestre fazia a pergunta. Mas eu pergunto também quem foi o que única e singularmente respondeu a ela? Claro está que foi São Pedro: *Respondit Petrus*. E porque respondeu só ele e nenhum outro? Excelentemente St.º Ambrósio: *Cum interrogasset Dominus quid homines de Filio hominis aestimarent, Petrus tacebat: ideo (inquit) non respondeo, quia non interrogor: interrogabor, et ipse quid sentiam tum demum respondebo, quod meum est*. “Enquanto Cristo perguntou o que diziam os homens, Pedro esteve calado sem dizer palavra” – tacebat; e porque esteve calado Pedro e não respondeu palavra? “Porque aquela pergunta, diz ele, não fala comigo”: *Ideo non respondeo, quia non interrogor*; “porém quando eu for perguntado, então responderei e direi o que sinto, porque a mim me pertence”: *Cum interrogabor, et ipse quid sentiam respondebo, quod meum est*. Note-se muito esta última palavra, *quod meum est*, na qual excluiu o mesmo S. Pedro a todos os outros Apóstolos e confiadamente diz que a resposta daquela altíssima pergunta só era sua e só a ele pertencia. É verdade que a palavra da pergunta: *vos autem* parece que compreendia a todos; mas a resposta exclui aos demais, como encaminhada a ele por quem sabia o que só Pedro sabia e os demais ignoravam.

Em um famoso milagre do mesmo S. Pedro temos um extremado exemplo, com que a extensão do *vos autem* se limita só a ele. Entretanto S. Pedro com S. João por uma das portas do templo de Jerusalém a orar, estava ali um pobre tolhido dos pés desde seu nascimento, o qual lhes pediu uma esmola; disse-lhe S. Pedro: *Respici in nos*: “Olha para nós”, e respondendo ao que pedia o pobre; – Eu – diz – não tenho ouro, nem prata, mas o que tenho, isso te dou; e tomando-o pela mão “o pôs em pé inteiramente são”: *Et protinus consolidatae sunt bases ejus*. Pois se S. Pedro só havia de fazer, como fez, o milagre sem ter parte nele o companheiro, porque não disse também — olha para mim, senão, olha para nós?: *Respice in nos?*

A razão fique para outro dia; o exemplo nos serve agora, e é quanto se pode desejar adequado. De sorte que o *respice in nos* referiu-se a Pedro, e mais a João; mas o milagre não o obraram Pedro e João, senão só Pedro. Pois assim como então o *respice in nos* se referiu a ambos e o obrador do milagre foi só um, assim no caso presente o *vos autem* referia-se a todos – *Respiciebat omnes* – e a milagrosa confissão foi só de Pedro. Só de Pedro, sem que o número ou multidão a que foi dirigida a pergunta, impedisse a glória única e singular de quem deu a resposta: e senão, combinemos o vos com o tu e o *tibi*. O *vos autem* foi de todos, e o tu só de Pedro: *Tu es Petrus*; o *vos autem* de todos, e o dico só de Pedro: *dico tibi*; o *vos autem* de todos, e o *dabo* só de Pedro: *Tibi dabo*.

CAPÍTULO 4

Assentada esta singularidade de S. Pedro dentro na mesma diferença que distinguia a todos os Apóstolos dos outros homens, segue-se que vejamos também singular nele a divindade, com que a mesma diferença lhe dava por consequência o nome de Deuses: *Nequaquam homines, sed Dii appellantur*. Em confirmação da sua consequência, excita questão S. Jerônimo, porque os outros homens, por mais que quizeram encarecer as grandezas de Cristo comparando-o às maiores personagens do Mundo, sempre contudo o fizeram homem; pelo contrário, um só dos Apóstolos que respondeu à pergunta sem comparações nem rodeios, disse diretamente que era Filho de Deus. E a razão de tão notável diferença (sendo o soberano sujeito o mesmo) diz o mesmo S. Jerônimo que foi porque cada um fala como entende, e entende como quem é. Os homens, porque falavam e entendiam como homens, chamaram a Cristo homem; S. Pedro, porque falava e entendia como Deus, chamou-lhe Filho de Deus: *Qui de Filio hominis loquuntur, homines sunt; qui vero divinitatem ejus intelligunt, non homines, sed Dii*. Note-se muito a palavra *intelligunt*. Eutímio diz o mesmo: *Solus Petrus vere Chistum, et natura, et proprie Filium Dei esse intellexit*. S. Pascácio o mesmo: *Beatus Petrus plusquam homo erat, qui ultra hominem sapiebat: cumque Dei Filium in homine videret, ultra humanos oculos vidit, et intellexit*. E outra vez aqui se deve notar esta última palavra.

Em suma, que toda a divindade de S. Pedro se atribui ao entendimento com que penetrou e conheceu a do Verbo oculta debaixo da humanidade de Cristo. E porque mais ao entendimento que a outra qualidade ou excelência de quantas resplandeciam em um sujeito tão sublime? Porque assim havia de ser para se poder chamar Deus com toda a propriedade. É grave questão entre os teólogos, qual seja em Deus o último e formal constitutivo da essência divina. E a sentença hoje mais recebida nas escolas, e mais comum, é que a essência divina se constitui e consiste no intelectivo radical, e na mesma intelecção, por ser este, como eles chamam, o primeiro predicado de Deus. E como o intelectivo radical, e Intelecção divina, é a que última e formalmente constitui a divindade e essência de Deus, para que nem esta propriedade e correspondência faltasse à divindade de Pedro, e a metáfora com que é chamado Deus se ornasse também com os esmaltes de tão semelhante origem, foi conveniente à glória de tão soberana participação e semelhança, que a deidade do mesmo Pedro se fundasse nas raízes do seu intelectivo e que a intelecção com que entendeu e conheceu a divindade de Cristo, fosse pelo mesmo modo o constitutivo da sua. Já não havemos mister as autoridades dos Santos Padres, porque temos a do Eterno Padre e a do mesmo Cristo: *Quia caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cælis est*. A intelecção de Pedro não teve nada de humano, o qual se compõe de carne e sangue; mas elevada o seu intelectivo e o seu entendimento pela revelação do Padre a uma altíssima participação e

semelhança do divino, ali se constituiu a última formalidade da sua essência, e se conseguiu, do modo que era possível, o nome e dignidade de Deus: *Qui divinitatem ejus intelligunt, non homines sed Dii.*

CAPÍTULO 5

Levado S. Pedro à divindade pela revelação do Padre, vejamo-lo segunda vez elevado ou confirmado nela pela eleição do Filho: *Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo ecclesiam meam.* O imperador Nerva, como refere Plínio, elegeu por seu sucessor a Trajano, e Trajano em agradecimento colocou a Nerva entre os deuses, e pagou-lhe a sucessão com a divindade. Muito melhor Pedro que Trajano, e muito melhor Cristo que Nerva. Pedro disse a Cristo: *Tu es Chistus Filius Dei vivi:* e Cristo disse a Pedro: *Tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo ecclesiam meam.* Pedro na sua confissão deu a divindade a Cristo, e Cristo na sua sucessão não só deu a Pedro a sucessão, senão também a divindade. Assim foi e assim havia de ser; porque nem a Pedro seria digno sucessão de Cristo, nem seria digna de Cristo a providência de sua Igreja, se Pedro fora somente homem, e não fora juntamente Deus.

Notificou Moisés ao povo de Israel como tinha Deus resoluto que de ali por diante governasse um anjo, e diz o texto sagrado que, ouvida esta nova, “todo o povo se pôs a chorar em pranto desfeito e todos se cobriam de luto”: *populus luxit, et nullus (...) indutus est cultu suo.* Quem imaginaria de tal notícia tão encontrados efeitos? Antes parece que todos se haviam de vestir de gala e dar muitas graças a Deus por tal governador. Que melhor; governador se podia desejar que um anjo? Um anjo que não come, nem veste, nem granjeia; um anjo que não tem parentes, nem criados, nem apetites; um anjo tão sábio e tão verdadeiro, que nem pode enganar, nem ser enganado, benévolo, afável sempre do bom rosto; enfim, um anjo? Pois se todas as outras nações se contentam ou sofrem ser governadas por homens “e os trazem sobre a cabeça”: *Imposuisti homines super capita nostra;* que razão teve o povo de Israel para receber com lágrimas e lutos a nova de o haver de governar um anjo? – Muito grande razão. Porque até ali quem governava aquele povo era Deus por si mesmo; e suceder a Deus um anjo, não era favor, senão rigor; não era benefício, senão castigo; eram sinais da majestade divina ofendida e irada e demonstrações de que antes queria desamparar e destruir aquele povo, que conservá-lo. Esta foi a justa razão daquelas lágrimas; e já temos concluído que, ainda que S. Pedro fora um anjo, não seria digno sucessor de Cristo, nem ele deixaria dignamente provida a sua Igreja, e ela por aquela eleição e sucessão, não se devia vestir de festa, como hoje a vemos, senão chorar e cobrir-se de lutos. Vamos agora buscar a segunda consequência, e no mesmo povo a acharemos.

Vendo o povo de Israel que Moisés depois de subir ao monte, havia quarenta dias que tardava e não aparecia, cansados de esperar os que agora cansam, vão-se ter com Arão, pedindo-lhe “que lhes faça um deus” *Fac nobis deos, qui nos præsedant; Moysi enim huic viro, qui nos eduxit de terra Ægypti, ignoramus quid acciderit*; “porque não sabemos (dizem) o que é feito deste homem que nos tirou do Egito”. Deste homem disseram, palavra em que manifestamente se implicavam e desfaziam a sua mesma petição. Pois se Moisés é homem, *huic viro*, porque não pedem outro homem, mas dizem que lhes faça um Deus em seu lugar?: *Fac nobis deos*. A petição foi ímpia; o intento não só bárbaro, mas sacrílego e blasfemo: porém a consequência não se pode negar que foi muito bem entendida, muito bem deduzida e muito bem fundada. Moisés, ainda que era homem, era juntamente Deus: *Constitui te Deum Pharaonis*: e para suceder dignamente a um homem Deus, é necessária consequência que o sucessor seja também Deus. Parece-me que sem mais explicação Estou declarado.

Cristo Senhor nosso era verdadeiro homem e verdadeiro Deus, como acabava de confessar S. Pedro; e se Pedro fosse somente homem e não fosse também Deus, nem ele seria digno sucessor de Cristo, nem Cristo corresponderia àquela altíssima confissão com prêmio e recompensa igual. Esta é a força daquele *et ego dico tibi*: Tu dizes que eu sou Deus; pois eu te digo que tu também o serás, sucedendo em meu lugar, e tendo as minhas vezes. St.º Ambrósio: *Quia tu mi dixisti*:

– *Tu es Christus, Filius Dei vivi – ego dico tibi non sermone casso, et nullum effectum habente (quia meum dixisse fecisse est) quia tu es Petrus et super hanc Petram ædificabo ecclesiam meam, et tibi dabo claves regni cælorum*. Assim pagou Cristo a Pedro uma divindade com outra, dando-lhe o poder de Deus no Céu, porque ele o tinha confessado por Filho de Deus na Terra.

De aqui se entenderá a solução de um grande reparo de St.º Agostinho, duas vezes repetido por ele; e é que a mesma confissão que fez S. Pedro, fez também o Demônio. *Ecce modo audistis in Evangelio quod ait Petrus: Tu es Cristhus, Filius Dei vivi: legit; et invenietis dixisse dæmones: scimus quia sis Filius Dei*. O Demônio era o mais jurado inimigo de Cristo que havia, houve, nem haverá. Pois porque confessa a Cristo; e pelas mesmas palavras com que S. Pedro o confessou por Filho de Deus? Porque viu quanto lhe montou a Pedro esta confissão, diz agudamente S. Crisóstomo. O intento do Demônio foi sempre ser como Deus: *Similis ero Altissimo*”. “Pedro conseguiu ser como Deus pela confissão da divindade de Cristo; pois eu também o quero confessar, para conseguir o que ele conseguiu”. Enganou-se como cego da ambição, mas inferia bem, se não fosse quem era; e com o seu testemunho, posto que do Inferno, confirmou o mesmo que temos dito. De sorte que aquele soberbíssimo espírito tão ambicioso da divindade, de tal maneira reconheceu a de Pedro, que porque

antigamente não pôde ser como Deus no Céu, agora se contenta e procura ser como Pedro na Terra.

CAPÍTULO 6

Estabelecida tão amplamente a divindade de S. Pedro, vejamos com igual admiração quão divina e endeusadamente a pratica e usa dela. Quantos grandes há neste Mundo, que não sabem ser o que são? Depois de lhes dar o que lhes deu, parece que se arrependeu a fortuna do que lhes tinha dado. O rico é avarento, e não sabe usar da riqueza; o sábio é imprudente, e não sabe usar da sabedoria; o valente é temerário, e não sabe usar do valor; e até os que têm as coroas na cabeça e os cetros na mão, não têm cabeça nem mãos para saber reinar. Não assim Pedro, em tudo igual a si mesmo.

Pondera S. Pedro Damião alta e profundamente quanto pode admirar e apenas compreender o juízo humano aquela imensa e inaudita comissão de Cristo a S. Pedro: *Quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in cælis; et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in cælis. E diz assim elegantemente: Adest Petrus, et ad ejus arbitrium orbis universus solvitur et ligatur. Et præcedit Petri sententia sententiam Redemptoris, quia non quod Christus, hoc ligat Petrus, sed quod Petrus, hoc ligat Chryistus. Quid est quod angelorum et hominum agminibus exclusis, solus Petrus in consortium divinæ majestatis, et cum Domino residet præsidente? Consilium special e Petri et Dei, ubi mortalem hominem Deo copulat et counit.* Até aqui o eloquentíssimo cardeal, depois de renunciar a púrpura. Eu o explico e comento: Aparece Pedro, e ao arbítrio do seu império todo o Mundo é ou não é o que ele quer que seja ou não seja: se liberta, todo livre; se ata, todo atado e preso. Deus está no Céu e na Terra, quando manda o Céu e a Terra; Pedro, estando na Terra, manda a Terra e mais o Céu. Se da Terra chovesse para cima, como descreve Lactâncio dos antípodas, não seria grande maravilha? Pois isto é o que passa no governo de Pedro; não descem os decretos do Céu para a Terra, mas sobem da Terra para o Céu. Pedro é o que manda, e Deus o que se conforma. Conformar-se com o entendimento, conforma-se com o poder. O que entende, o que quer, o que ordena e manda Pedro, isso entende Deus, isso quer Deus, isso ordena e manda Deus. E por que razão, quando Deus despacha no seu tribunal supremo, todos os espíritos angélicos assistem em pé, e só Pedro preside assentado? Porque o tribunal de Deus, e o tribunal de Pedro não são dois, senão um só e o mesmo.

O primeiro ato judicial que exercitou S. Pedro, foi no caso de Ananias. Eram naquele tempo da primitiva Igreja as fazendas e bens temporais dos cristãos comuns a todos: e contra esta Lei ou voto, vendeu Ananias uma herdade e ocultou parte do preço; manda-o chamar à sua presença S. Pedro; e que é o que fez e o que disse? O que só podia dizer e fazer Deus. O que disse foi: *Non es*

mentitus hominibus, sed Deo:” sabe, Ananias, que no que encobriste não mentiste aos homens, senão a Deus.” Vede se tratava como Deus quem assim falava. O que fez foi ainda mais divino, mais admirável: e de maior terror. “Ouvindo aquelas palavras, caiu morto Ananias aos pés de Pedro”: *Audiens autem hæc Ananias, expiravit.* Descrevendo Isaías a justiça de Cristo, diz que só com o espírito de sua boca matará o ímpio: *Et spiritu labiorum suorum interficiet impium.* E nisto mostrou o Profeta que o mesmo que havia de ser o Redentor, era o Deus que tinha sido o Criador. O modo com que Deus, quando criou o primeiro homem, lhe deu vida, foi inspirar-lhe no rosto com o espírito de sua boca: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ, et factus est homo in animam viventem.* Pois assim como só com o espírito de sua boca deu a primeira vida, assim com o mesmo espírito, sem outro instrumento, diz Isaías que Cristo dará a morte ao ímpio. Isto é, nem mais nem menos, o que fez S. Pedro. Nem mandou matar a Ananias, nem lhe disse que morresse, e só com lhe tocar nos ouvidos o espírito de sua boca, caiu morto. Mas tal execução como esta, posto que de poder tão divino, nunca a fez Cristo. Como diz logo o Profeta que com o espírito de sua boca havia de matar o ímpio? É profecia que ainda está por cumprir, e diz S. Paulo que se cumprirá quando Cristo, no fim do Mundo, com o espírito só de sua boca matará o Anticristo. *Tunc revelabitur ille iniquus, quem Dominus Jesus interficiet spiritu oris sui et destruet illustratione adventus sui.* Esta será a última execução de justiça de Cristo e tal foi a primeira de Pedro.

Mas assim como Deus é muito mais largo nas mercês sem comparação que nos rigores, assim mostrou também S. Pedro esta divina condição no poder da sua divindade. Por uma vida que tirou, deu infinitas vidas; e para maior maravilha com muito menor instrumento, Concorriam os enfermos de toda a parte, punham-se em compridíssimas fileiras nas ruas por onde Pedro havia de passar, e todos a quem tocava a sua sombra se levantavam subitamente sãos. Não é muito menor instrumento a sombra, que o espírito da boca? Pois esta só bastava para dar vida, e tantas vidas. Assim parece que se competiram estes dois instrumentos em Pedro, como já se tinham competido em Deus, ficando a sombra com infinita glória vencedora. Que fez Deus com o espírito da boca? Deu o ser e a vida ao primeiro Adão: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ.* E que fez o mesmo Deus com a virtude da sua sombra? Deu o ser e a vida ao segundo Adão, que é Cristo: *Virtus Altissimi obumbrabit tibi, ideoque et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei.* Ó Deus, ó Pedro! Em tudo quis Deus que a divindade de Pedro fosse semelhante à sua.

CAPÍTULO 7

Só parece que lhe falta ainda uma semelhança divina, que é a pessoal. Em Deus e na divina essência há três pessoas. E foi S. Pedro também semelhante a alguma delas? Também, mas não a alguma somente, senão a todas três,

semelhante a Deus Padre, semelhante a Deus Filho, semelhante a Deus Espírito Santo.

Quanto à semelhança de Deus Padre, não pode ser maior. Quando Cristo, Senhor nosso, se fez batizar no Jordão, abriram-se os Céus, e de lá se ouviu a voz do Eterno Padre, que disse: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui*. “Este é o meu Filho muito amado, no qual muito me agradei.” No monte da Transfiguração apareceu sobre ele uma nuvem resplandecente, de dentro da qual se ouviu segunda vez a voz do mesmo Padre, tornando a declarar por Filho seu a Cristo, não com outras, senão com as mesmas palavras. Isto fez e disse o Eterno Padre; e não é isto o mesmo que fez S. Pedro, quando disse: *Tu es Christus Filius Dei vivi?* O mesmo. De sorte que este pregão e esta declaração da divindade de seu Filho quis o Eterno Padre que saísse da sua boca e da boca de Pedro. Por isso o mesmo Padre foi o que lhes revelou o mistério a todos os outros Apóstolos escondidos. E em que consistiu aqui o fino e o sublime deste tão singular favor? Consistiu em que, assim como o Padre tinha dado a seu Filho a divindade por geração, assim tomasse por companheiro a Pedro para ambos lhe darem por manifestação. No Apocalipse viu S. João a Cristo em figura de cordeiro, e logo ouviu que toda a corte do Céu o aclamava a uma voz por “digno de receber a divindade”: *Dignus est agnus, qui occisus est, accipere virtutem et divinitatem*. Pois o mesmo cordeiro Cristo não tinha recebido de seu Pai a divindade, e o ser divino desde o princípio sem princípio da eternidade? Sim, a tinha recebido por geração; mas agora a tornava a receber por manifestação. Por geração foi concebido o Verbo no entendimento e conceito do Padre; por manifestação era de novo concebido no entendimento e conceito de todo o Mundo: *Non in se, sed in mente et ore hominum*, dizem com S. Tomás todos os intérpretes. E neste segundo modo de conceição e de geração, quis o Eterno Padre que fosse seu Filho tão Filho de Pedro, como era seu: *Hic est Filius meus dilectus: Tu es Christus, Filius Dei vivi*.

A semelhança da Pessoa de Deus Filho também o mesmo Filho lhe deu. E quando? Quando lhe deu o nome de pedra. Cristo teve o nome de Pedra desde o tempo em que os filhos de Israel “bebiam daquela pedra que os seguia”, como declarou S. Paulo: *Bibebant de conseqente eos petra, petra autem erat Christus*. E como Cristo era pedra e deu o nome de pedra a Pedro, como a semelhança e dignidade do seu nome o admitiu em quanto segunda Pessoa da Santíssima Trindade ao consórcio e companhia, isto é, a lhe ser companheiro nela. S. Leão Papa: *In consortium individuae trinitatis assumptum id quod ipse erat, nominari voluit*. E S. Máximo acrescenta que não foi só favor e graça, senão merecimento: *Recte consortium meretur nominis, qui consortium meretur et operis*. Disse *operis*, e pudera com a mesma e maior propriedade dizer *oneris*; porque, quando Cristo o fez pedra fundamental da sua Igreja, todo o peso dela lhe carregou sobre os ombros. Isto é o que pesa aquele *super hanc petram*. Outro peso foi o que o mesmo Cristo tomou sobre si, quando se sujeitou a pagar o

tributo de César; mas também neste igualou a Pedro consigo, e quis que fossem companheiros e meeiros na paga do mesmo tributo: *Da eis pro me, et te.*

Nota aqui Abulense e os outros expositores literais, que S. Pedro não tinha obrigação de pagar aquele tributo, porque não era cabeça da família. E porque outros sentem o contrário, eu o tiro com evidência do texto; porque os cobradores do mesmo tributo só disseram a S. Pedro: *Magister vester non solvit didrachma.* Pois se S. Pedro não tinha obrigação de pagar o tributo, nem a ele lho pediam, porque lhe manda o Senhor que pague? Porque ele o pagava; e quis honrar a Pedro com o igualar com sua própria Pessoa. *O honoris excellentia!* exclama S. Crisóstomo. Desta mesma igualdade tão familiar e repetida se pode também admitir sem escrúpulo um pensamento com que Lirano interpreta o de S. Pedro, quando disse no Tabor: *Faciamus hic tria tabernacula, tibi unum. Moysi unum, et Eliæ unum.* E porque não o tratou também Pedro de tabernáculo para si e para os dois companheiros? “Porque supôs que os dois morariam com Moisés e Elias, e ele com Cristo”: *Non loquitur de tabernaculo faciendo pro se et sociis suis, quia volebat cum Chisto esse in suo tabernaculo, et socii sui cum aliis duobus.* Vede se pode imaginar maior e mais familiar igualdade entre Pedro e a segunda Pessoa da Trindade, se hão de nomear ambos com o mesmo nome, se hão de pagar ambos o mesmo tributo, se hão de morar ambos no mesmo tabernáculo!

Com o Espírito Santo, que é a terceira Pessoa, não temos menos sublimada ou endeusada a divindade de S. Pedro. Tão iguais são ou tão parecidas, a processão do Espírito Santo e promoção de Pedro, a personalidade de um e a dignidade ou majestade do outro, que ambas manam das mesmas fontes e ambas trazem o ser, em Pedro, das mesmas causas, e no Espírito Santo, que não pode ter causa, dos mesmos princípios. Como procede o Espírito Santo? A Fé o diz e a Igreja o canta: *Qui ex Patre, Filioque procedit:* “Procede o Espírito Santo do Padre e procede do Filho”. O Padre é um princípio parcial; o Filho outro princípio também parcial; e destes dois princípios parciais se compõem o princípio total, do qual, produzido ou espirado, procede o Espírito Santo. E a promoção de S. Pedro à dignidade ou divindade que temos visto, como procedeu? Com a mesma verdade podemos, havemos de dizer, e com nenhuma se pode negar, que procedeu do mesmo Padre e do mesmo Filho: do Padre, revelando: *Quia Pater, revelavit tibi:* e do Filho, dizendo: *Et ego dico tibi:* do Padre, que foi o primeiro que o elevou; do Filho, que foi o segundo que o declarou; e de cada um como princípio ou causa parcial; e de ambos como causa total que o constituiu ou constituíram na dignidade. Não pára aqui a semelhança. Em Pedro concorreram para a dignidade dois atos, um do entendimento, outro da vontade e do amor: o do entendimento, quando perguntados todos, ele só disse: *Tu, es Chistus Filius Dei vivi;* o da vontade e do amor, quando perguntado só: *Diligis me plus his?* ele respondeu: *Tu scis Domine qua amo te.* Vede agora como estes dois atos foram uma admirável representação do ato de

entendimento, que precede no Padre quando gera o Filho, e do ato de vontade e amor entre o Padre e o Filho, pelo qual procede o Espírito Santo.

É grave questão entre os teólogos se no ato do entendimento, com que o Padre gera o Filho, se conhece e compreende também o Espírito Santo? E se resolve comumente que sim. Mas esta resolução tem uma grande réplica, porque naquela prioridade, que não é de tempo, nem de natureza, senão de origem, ainda não há nem se pode considerar vontade, e por consequência, nem Espírito Santo, que procede por ato da mesma vontade. Como se pode logo compreender o Espírito Santo no ato precedente do entendimento, que é antes de ele ser? Os que respondem mais fácil e inteligivelmente dizem, como refere Soares: *Patrem in eo signo non agnoscere Spiritum Sanctum, ut productum sed ut producendum, nec ut existentem, sed ut futurum*. “Que o Eterno Padre, quando gera o Filho, não conhece o Espírito Santo como Pessoa já produzida, senão que se há de produzir, nem como já existente, senão futura”. De sorte que a personalidade do Espírito Santo, no ato do entendimento do Padre, é ainda futura, e não existente. E essa existência quando a há de ter? Quando ao ato do entendimento se seguir a vontade, e pela mesma vontade o ato do amor.

Comparai-me agora a dignidade de Pedro com a personalidade do Espírito Santo. O ato do entendimento em Pedro foi quando disse: *Tu es Christus Filius Dei vivi*: e assim com a personalidade do Espírito Santo no ato do entendimento só era futura e não existente, assim também a dignidade de Pedro, não existente, senão futura: *Super hanc petram ædificabo ecclesiam meam, et tibi dabo claves regni cælorum*. Não diz *ædifico*, senão *ædificabo*, nem diz do, senão diabo, tudo de futuro. E a existência deste futuro quando há de ser? Como a do Espírito Santo: depois do ato da vontade e do amor recíproco: *Diligis me plus his? Tu scis Domine quia amo te*. Depois deste ato de amor recíproco, e não uma, senão três vezes repetido, então lhe deu e conferiu o Senhor a investidura da dignidade que lhe tinha prometido: *Pasce oves meas, pasce agnos meos*.

Provido assim o governo da Igreja, se partiu Cristo para o Céu, donde prometeu mais que viria “o Espírito Santo mandado pelo Padre em seu nome, não do Padre, senão do mesmo Cristo: *Paraclitus autem quem mittet Pater in nomine meo. E que quer dizer in nomine meo?* – Quer dizer – em meu lugar e com as minhas vezes. *Eutímio: In nomine meo, id est, ut hic me referat, et meis fungatur vicibus. Eusébio Emisseno: Mea vice et meo nomine magnus consolator et doctor sapientissimus dabitur vobis*. Aqui tornou Cristo a igualar a Pedro com o Espírito Santo, como o tinha igualado consigo, dando as suas vezes e fazendo seu vigário a terceira Pessoa da Trindade e juntamente a Pedro. Pedro, vigário de Cristo deixado na Terra: o Espírito Santo, vigário de Cristo mandado do Céu; Pedro, vigário visível: o Espírito Santo, vigário invisível; o Espírito Santo, verdadeiro vigário e verdadeiro Deus: Pedro verdadeiro vigário e verdadeiramente como Deus: Admire-se a igualdade deste poder e a majestade soberana de Pedro no

primeiro seu decreto, e pasmem os que ouvirem o proêmio do primeiro concílio: *Visum est Spiritui Sancto et nobis*. Pedro foi o que congregou o concílio; Pedro o que falou em primeiro lugar, calando todos, como diz S. Lucas; Pedro a quem depois de falar seguiram os demais Apóstolos; e Pedro que em nome do Espírito Santo e seu assinou e mandou publicar o decreto. Quando S. João, no princípio do seu Apocalipse, escreveu às igrejas da Ásia, as epístolas eram de: *Joannes septem ecclesiis, quæ sunt in Asia*; mas quem no fim as assinava cada um por si, era o Espírito Santo: *Qui habet aurem, audiat quid spiritus dicat ecclesiis*. Porém quando Pedro decreta, não só assina os decretos o Espírito Santo, senão também Pedro: *Visum est Spiritui Sancto, et nobis*.

CAPÍTULO 8

Já parece que deve estar satisfeita a nossa metáfora e a divindade de S. Pedro com ser semelhante a Deus Padre, semelhante a Deus Filho, semelhante a Deus Espírito Santo, e por consequência a toda a Santíssima Trindade, que foi a soberania universal da assunção de S. Pedro, como acima disse S. Leão Papa e eu deixei passar sem ponderação, porque este era o seu próprio lugar, e a chave mais que dourada com que se havia de fechar este discurso: *In consortium individuæ Trinitatis assumptum*. Agora pergunto se tem mais para onde subir a nossa metáfora, e a semelhança da divindade de S. Pedro com Deus? Respondo que a semelhança, não, mas a divindade, sim. Porque subiu a divindade de Pedro (não digo a tal alteza, porque a não pode haver mais alta que Deus) mas a tal singularidade de divina, que em Deus a não há, nem pode haver semelhante. Em Deus, e na Santíssima Trindade não pode haver outra pessoa, e S. Pedro foi a quarta pessoa da Santíssima Trindade. Vede como, e não tenhais medo de alguma heresia.

Quando S. Pedro acabou de fazer a sua confissão, disse-lhe o mesmo Cristo assim exaltado: *Beatus es, Simon Barjona*: Bem-aventurado és, Simão Barjona. Era este o apelido humilde de Pedro, e que cheirava ainda ao breu da barca; e têm para si alguns expositores, quis o Senhor lembrar-lhe nesta ocasião a baixeza do seu nascimento, para que a dignidade, a que logo o havia de levantar, o não desvanecesse. Mas eu não me posso persuadir que, quando S. Pedro acabava de honrar a Cristo por seu Pai, com o nome de Filho de Deus vivo, o Senhor lhe respondesse com o que tanto lhe tocava no vivo, como ouvir em público a indignidade do seu. E o que em tal caso não faria nenhum homem de bem, não havemos de crer que o fizesse o bem dos homens. Qual foi logo a razão daquele nome ou sobrenome, e em resposta do que Pedro tinha dito? Barjona na língua hebréia ou siríaca que naquele tempo era a vulgar, significa *filius columbæ*, filho da pomba; e dizem comumente os Santos Padres que aludiu o Senhor à pomba, em cuja figura desceu o Espírito Santo no batismo sobre o mesmo Cristo. Como se dissera o divino Mestre com resposta muito

digna da sua grandeza: “Tu, Pedro, dizes que eu sou Filho do Eterno Padre? Pois eu te digo que tu és filho do Espírito Santo”. Assim o diz S. Jerônimo, Santo Hilário, Eusébio Emisseno, a Glossa, e com palavras mais expressas que todos o venerável Beda: *Justa laude confessorem suum Dominus remunerat, cum eum Sancti Spiritus filium esse attestatur, a quo ipse filius Dei asseveratur.*

Suposto, pois, que S. Pedro é filho do Espírito Santo, já parece que não está muito longe de ser a quarta Pessoa da Santíssima Trindade. Porque, se o Verbo, por ser Filho do Padre, é a segunda pessoa, Pedro, por ser filho do Espírito Santo, porque não será a quarta? Bem se segue a consequência, e assim havia de ser, se fosse possível. Mas porque era impossível na realidade, foi filho do Espírito Santo e quarta pessoa da Trindade por semelhança e não na realidade, que esse é o meu assunto e a propriedade da minha metáfora. As Pessoas divinas só se podem multiplicar ou por entendimento ou por vontade: por entendimento, já estava infinitamente multiplicada a segunda Pessoa no Filho; por vontade, já estava infinitamente multiplicada a terceira Pessoa no Espírito Santo; donde se segue que só as Pessoas do Padre e do Filho são fecundas e a do Espírito Santo não. Mas não se segue de aqui que seja menor a perfeição do Espírito Santo que a do Padre e do Filho, porque tanta perfeição é não poder o impossível, como poder o possível. Para que entendam os todo-poderosos do Mundo, que se devem contentar com poder o que podem, e não querer mais. E porque a Pessoa do Espírito Santo não era fecunda *ab æterno*, por isso se lhe supriu a fecundidade em tempo na pessoa de Pedro, não quanto à realidade, senão quanto à semelhança: *Barjona, filius columbæ; Barjona, filius Spiritus Sancti.*

Vamos ao princípio do Mundo, e acharemos esta fecundidade do Espírito Santo admiravelmente retratada. Onde a Vulgata diz: *Spiritus Domini ferebatur super aquasfecundabat*, lê o original hebreu: *Spiritus Domini fæcundabat aquas*; que “o Espírito Santo fecundava as águas”. E por que razão comunicava o Espírito Santo a sua fecundidade mais ao elemento da água que a nenhum dos outros? Não desceu do Céu no dia de Pentecostes “em forma de ar”? *Tanquam advenientis Spiritus vehementis*? Não apareceu sobre os Apóstolos “em forma de fogo”? *Dispertitæ linguæ tanquam ignis*? E depois de descer e aparecer; não “encheu a terra toda”?:

Spiritus Domini replevit orbem terrarum? Por que razão pois as influências da sua fecundidade as comunica só ao elemento da água, que naquela mesma ocasião se chamou mar?: *Congregationes aquarum appellavit maria*? Porque do mar lhe havia de nascer ao Espírito Santo aquele filho, que já de então estava prevendo que com o nome de Simão Barjona andava navegando e remando no mar de Tiberíades: Mal cuidei eu que achasse autor ao pensamento; mas assim o tinha escrito há muitos séculos entre os Santos Padres um de tanta autoridade, como sabedoria: *Congregentur aquæ*, diz *Anastácio Sinaita, Petrus*

enim jam cruce[m], tanquam remum intingit in mari mundano. Fecundou o Espírito Santo as águas do mar, porque no mar havia Pedro de meter primeiro o remo e como pescador, e depois, trocado o remo com o lenho da cruz, havia de navegar e sujeitar com ela, como sucessor de Cristo; o Oceano do Mundo. Assim imitou o Espírito Santo a fecundidade da primeira e segunda Pessoa, assim foi filho da mesma fecundidade S. Pedro, *Filius Spiritus Sancti*, e assim, do modo que era possível, acresceu à Santíssima Trindade uma quarta pessoa por semelhança, e não na realidade.

E porque não faltasse a esta quarta pessoa a semelhança divina das outras três, assim como o Padre e o Filho e o Espírito Santo entendem com um só entendimento e querem com uma só vontade, e obram com um só poder, também à pessoa de Pedro, como se fosse a quarta, lhe não faltou esta divina propriedade, por isso chamada *indivídua*. Assim concedem S. Leão e S. Máximo à dignidade ou divindade de Pedro a prerrogativa, que eles chamam *consortium Trinitatis*; e assim a declara, comentando os mesmos santos, o doutíssimo Daza, da nossa Companhia, sujeito em quem a antecipada morte roubou à Teologia e à Escritura um dos mais sólidos e excelentes intérpretes. As suas palavras são estas: *Nempe suas (Pedro) impertiendo vices, et quæ Dei sunt communicando: ut eadem sit ipsi cum Trinitate mens ad ea quæ definit, eadem voluntas ad illa, quæ jubet, eadem potentia ad ea quæ facit.* Forte e elegantemente. De maneira que, “enquanto Pedro tem as vezes de Cristo, no Padre, no Filho, no Espírito Santo, em Pedro há um só e o mesmo entendimento, uma só e a mesma vontade, uma só e a mesma potência. Um só e o mesmo entendimento, porque o que entende Deus, entende Pedro nas matérias que define; uma só e a mesma vontade, porque o que quer Deus, quer Pedro nos cânones que estabelece; uma só e a mesma potência, porque o que pode Deus pode Pedro nas maravilhas que obra”. Tudo isto quer dizer em Pedro e só em Pedro aquele *vos autem: Vos non homines, sed Dii.*

CAPÍTULO 9

Tão alta (muito Reverendos Senhores) tão alta, tão sublime e tão verdadeiramente divina é a suprema dignidade, debaixo de cujo nome e proteção se uniu, se conserva e floresce esta tão venerável como religiosa Congregação dos Clérigos de S. Pedro! E quando considero a todos os congregados dela segregados, como diz S. Paulo, e distintos dos outros homens pela impressão do carácter sacerdotal, não sei o que mais devo venerar neles, se o que Cristo disse a S. Pedro, se o que S. Pedro disse a Cristo.

E senão, perguntemos de cada um dos sacerdotes da Lei da Graça o que o mesmo Senhor perguntou de si: *Quem dicunt homines?* Quem dizem os homens? Porventura dizem *Alli Joannem Baptistam?* Pouco sabem, se isso

dizem. O grande serafim da Terra, S. Francisco, dizia, como refere S. Boaventura, que, se encontrasse em uma rua a S. João Baptista, e a um pobre sacerdote o menos autorizado e respeitado nos olhos do Mundo, primeiro havia de fazer reverência ao sacerdote que ao mesmo Baptista. S. Martinho (aquele que, sendo ainda catecúmeno e soldado, com a metade da capa vestiu a Cristo) estando à mesa com o Imperador Máximo, quando o copeiro-mor lhe levou a taça, disse o Imperador que a desse a Martinho, esperando recebê-la da sua mão; e que fez o animoso e justo prelado, que bem conhecia a sua dignidade? Sem cumprimento algum ao imperador, bebeu ele, e logo deu a taça a um presbítero que o acompanhava, para que bebesse, antepondo a coroa aberta de um simples sacerdote à cerrada do mesmo Imperador. Isto é o que respondem sem injúria do Céu nem da Terra, aqueles dois oráculos da Lei da Graça, Francisco e Martinho.

Passemos aos da Lei da Natureza e da Lei Escrita: *Quem dicunt homines?* Os da Lei da Natureza o mais que podem dizer, é ser o sacerdote cristão como Melquisedec: *Sacerdos Dei Altissimi*, o qual “oferecia a Deus pão e vinho”: *Panem et vinum offerens*. Mas isto é comparar a sombra com a luz e a semelhança com a verdade. O pão que oferecia Melquisedec, era assim como o que se colhe na eira, e o vinho assim como o que se espreme no lagar; porém o pão e vinho que os nossos sacerdotes oferecem, posto que debaixo dos mesmos acidentes, é tão transubstanciado no corpo do Cristo e vinho transubstanciado no seu próprio sangue: frutos que não conheceu a natureza, e palavra que foi necessário à Teologia inventá-la de novo. Os da Lei Escrita dirão que o nosso sacerdócio é como o de Arão, e cuidarão que o louvam muito; mas eu quando menos quisera que olhassem para a pureza e limpeza dos nossos altares, dos quais já disse o mesmo Deus a um dos profetas daquele tempo, dando-lhe em rosto com a perfeição e asseio dos nossos sacrifícios: *In omni loco offertur nomini meo ablatio munda*. Os sacerdotes da Lei Velha com as mãos tintas em sangue bruto, quando as vítimas eram as mais mimosas, sacrificavam bezerras e cordeiros: e os nossos com as mãos puras, como diz S. Paulo, sacrificam a Deus o diviníssimo holocausto de seu próprio filho, tão infinito, tão imenso, tão onipotente e tão Deus como ele.

Isto é o que *dicunt homines*. E *vos autem* seja dos anjos e respondam eles. Que dirão os anjos? Dirão que os mais altos querubins e serafins do Empíreo, se foram capazes de inveja, nenhuma dignidade invejariam senão a do homem sacerdote. No sacrossanto sacrifício da missa, o sacerdote é o sacrificante e os anjos os ministros que o assistem, e talvez o servem, como os que nós chamamos ajudantes, e quando estes se divertem, suprem os seus descuidos. Assim sucedeu a S. Gregório Papa, celebrando na igreja de Santa Maria Maior em dia de Páscoa. Quando disse: *Pax Domini sit semper vobiscum*, descuidou-se o ajudante de responder, e responderam os anjos que assistiam: *Et cum Spiritu tuo*. De aqui teve origem um uso ou rito notável da igreja romana, e é que,

quando o sumo pontífice na missa de dia de páscoa diz as mesmas palavras: *Pax Domini sit semper vobiscum*, o coro se cala e não responde, conservando-se neste silêncio a memória do que suprimam as vozes dos anjos em dia semelhante.

Mas nesta mesma vigilância tão reverente, tão devota e tão obsequiosa, com que os espíritos angélicos assistem ao sacerdote celebrante; haverá algum da suprema hierarquia que se atreva a tocar a hóstia que ele consagra nas suas mãos, e tantas vezes torna a tomar nelas no mesmo sacrifício? Por nenhum modo. Não se estendem a tanto os privilégios dos anjos. Quando Deus mandou de comer a Daniel no lago dos leões, o Profeta levava o pão e o Anjo levava o Profeta pelos cabelos. Pois não seria mais fácil que o pão o levasse o anjo? Mais fácil, sim, mas não lhe era lícito. O pão em profício era figura do que se havia de consagrar nos nossos altares. O Profeta, como diz S. Jerônimo, era da tribo sacerdotal de Levi: e tocar aquele sagrado pão só é lícito aos sacerdotes, e de nenhum modo aos anjos. Mas vejo que os mesmos sacerdotes me estão arguindo com um texto em contrário, e o mais sagrado cânon de todos os da Igreja. Depois da consagração do corpo e sangue santíssimo, todos fazemos a Deus esta oração: *Jube hæc perferri per manus sancti angeli tui in sublime altare tuum*. Logo, se o nosso sacrifício se há de levar ao Céu *per manus sancti angeli tui*, bem podem as mãos dos anjos fazer o que fazem as nossas. *Absit* (responde Teófilo, o mais diligente escrutador das realidades deste mistério). *Absit, ut precatio illa intelligatur de victimæ nostræ reali apportatione, sed intelligenda est metaphorice, ad cum modum quo angelus ait se obtulisse orationem Tobiaë Deo*. De sorte que aquela oração “não se há de nem pode entender de que os anjos realmente levem o nosso sacrifício ao Céu, senão metaforicamente, assim como o anjo de Tobias diz que ofereceu a Deus as suas orações”. E a razão é manifesta; porque se o anjo levasse a nossa hóstia ao Céu, ficaria imperfeito o sacrifício, que não só consiste na consagração e oblação, senão também na consunção: e então perfeitamente se consuma, quando a vítima consagrada morre, ou deixa de existir, que é quando pela indisposição das espécies deixa o corpo de Cristo de estar debaixo delas. Assim que isto é o que diz, e só pode dizer a confissão dos anjos.

CAPÍTULO 10

Ouvidos pois os homens e os anjos, quem resta para ouvir, senão unicamente o mesmo Deus? Ouçamos, pois, muito Reverendos Padres, a Deus, e veremos como diz desta venerável congregação, o que S. Jerônimo disse dos Apóstolos, que já então eram a Congregação de S. Pedro: *Vos autem nom homines, sed Dii*. Deuses lhes chamou S. Jerônimo, e por mais autêntica boca que é a de David, lhe dá Deus o mesmo nome. E o mesmo Deus, cujo dizer é fazer, afirma que ele é o que o disse: *Ego dixi, Dii estis, et filii excelsi omnes*. Deuses chama, e filhos

de Deus aos sacerdotes, e não em sentido alegórico, senão literal, porque literalmente fala o profeta dos ministros da Igreja, segundo a frase daquele tempo: *Deus stetit in synagoga Deorum*: e Cristo, melhor intérprete, literalmente o alega no capítulo X de S. João, que todo é dos pastores e suas ovelhas, que são os eclesiásticos com o poder e poderes do sacerdócio. Suposto pois que Deus lhes chama Deuses e filhos de Deus, *Dii estis, et filii excelsi*, com razão perguntará alguma curiosidade doura, em qual das duas partes desta proposição disse Deus mais: se quando chama aos sacerdotes Deuses, ou quando lhes chama filhos de Deus? Eu digo que quando lhes chama filhos de Deus; porque na primeira parte alude ao poder da jurisdição e na segunda ao poder da ordem. Quando Cristo, Senhor nosso, disse ao paralítico: *Remittuntur tibi peccata tua*, murmuraram todos da proposição, dizendo: *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus?* Negavam mal este poder a Cristo, mas supunham bem em dizer que só Deus pode perdoar pecados. E este é o poder dos sacerdotes enquanto Deuses: *Quorum remisieritis peccata, remittuntur eis*. E digo enquanto Deuses, porque o poder de perdoar pecados não só é próprio e unicamente de Deus, senão o maior e o máximo em que ele manifesta e ostenta toda a grandeza do seu poder: *Deus qui omnipotentiam tuam parcendo maxime, et miserando manifestas*. Mas com este poder de Deus merecer o nome e significação de máximo, o de Filho de Deus ainda significa mais. E por quê? porque mais é no Filho de Deus o poder de consagrar seu corpo, que em Deus o de perdoar pecados. Ouvi a razão.

O perdoar pecados consiste formalmente em Deus ceder do jus e direito que sua justiça tem para os castigar, que é ato superior da sua misericórdia, *parcendo maxime, et miserando*: e como neste ato vence a misericórdia divina a justiça divina, também Deus se vence a si mesmo, que é “a maior vitória, a maior façanha do seu poder”: *Omnipotentiam tuam maxime manifestas*. Porém a do Filho de Deus em se consagrar ainda é maior, porque mais é poder-se fazer a si mesmo, que poder-se vencer; e isto é o que pode, e o que fez o Filho de Deus, sumo e eterno sacerdote, quando se consagrou no sacramento, porque realmente se tornou a fazer e reproduzir a si mesmo. Mas não parou aqui sua onipotência e liberalidade, senão que este mesmo poder de o reproduzirem e fazerem a ele, comunicou aos sacerdotes, quando lhes disse: *Hoc facite in meam commemorationem*: “Isto mesmo que eu fiz, fazei vós”. Expressamente S. Germano, venerado e alegado neste mesmo ponto pelos Padres gregos: *Ipse dixit: hoc est corpus meum, hic est sanguis meus; ipse et apostolis jussit, et per illos universæ ecclesiæ hoc facere: hoc enim (ait) facite in meam commemorationem. Non sane id facere jussisset, nisi vim, hoc est, potestatem inducturus fuisset, ut id facere liceret*. Ó poder quase incompreensível, e que só se pode admirar com o nome de estupendíssimo! Nos seis dias da criação, criou Deus com seis palavras todo este Mundo, e o sacerdote com quatro palavras faz mais todos os dias, que se criara mil mundos.

Declaremos bem este poder mal entendido, para que todos o entendam e pasmem. O lume da Igreja, St. Agostinho, exclama assim: *O veneranda sacerdotum dignitas! in quorum manibus Dei Filius velut in utero virginis incarnatur!*: “Ó dignidade veneranda dos sacerdotes, em cujas mãos o Filho de Deus, como no ventre sacratíssimo da Virgem Maria, torna outra vez a encarnar!” Em que consistiu a encarnação do Verbo Eterno? Consistiu na produção do corpo e alma de Cristo e na produção da união hipostática, com que a sagrada humanidade se uniu à subsistência do Verbo. E tudo isto faz o sacerdote com as palavras da consagração, produzindo outra vez, ou reproduzindo todo o mesmo Cristo. Na mesma conformidade falam S. João Crisóstomo, S. Gregório Papa, S. Pedro Damiano, e o antiquíssimo Teodoro Ancirano, famoso no Concílio Efesino. Mas porque cuidam alguns que semelhantes questões são mais debatidas e examinadas pelos teólogos modernos, quero também alegar as palavras de dois bem conhecidos na nossa idade. O P. Teófilo Rainaud, tão perseguidor de opiniões, ou devoções pouco sólidas, como se vê nos seus eruditíssimos livros contra *Anomala pietatis*, diz o que se segue: *Sacerdos Christum sub accidentibus ponit, esse sacramentale illi conferendo per veram Christi productionem substantialem*. E mais a baixo: *Christus non producit absque unione ad verbum, quia non est purus homo, sed suppositum ejus est Persona Filii: itaque in sacrificio Deus in manibus sacerdotum incarnatur*. E noutro lugar: *Quim etiam sacerdotis potestas extenditur ad efficiendam unionem hypostaticam, et transubstantiationem panis, et vini*. Não romanceio as palavras, porque são expressamente tudo o que tenho dito. E o P. Eusébio Neriemberg, varão de tanto espírito, erudição e letras, cujos livros todos trazem nas mãos, fazendo a mesma comparação, que eu já toquei, entre a criação do Mundo e consagração do corpo de Cristo, discorre e infere desta maneira: *Mundum, et ea quæ in mundo sunt, produxit potentia Patris: sacerdotis vero potentia producit Filium Dei in sacramentum, et sacrificium, quo admirabilior potestas est sacerdotis transubstantiatione Filium Dei, quam creatione res perituras Dei Patris producentis*. Quer dizer: “A potência do Eterno Padre produziu o Mundo, e tudo o que há no mundo; a potência do sacerdote produz o Filho de Deus em sacramento e sacrifício; donde se segue que o poder do sacerdote, na transubstanciação do Filho de Deus, é muito mais admirável que a potência do Eterno Padre na criação de todas as cousas do Mundo, que não de acabar com ele.”

CAPÍTULO 11

Esta é, muito Reverendos Padres, a dignidade ou divindade do *vos autem*, participada de seu divino protetor S. Pedro a esta sua Congregação, tão digna de ser sua. E que se segue daqui, ou qual é a obrigação dos congregados? Se eu tivera as cãs que me faltam, alguma palavra lhes pudera dizer tão importante à veneração alheia, como à decência própria. Mas porque eu, posto que tão

indignamente, tenho o mesmo caráter do sacerdócio, a mim e a todos os sacerdotes só apontarei uma advertência da Escritura Sagrada, que todos devemos ouvir temendo e tremendo. A advertência é que correspondamos de tal maneira às obrigações desta altíssima dignidade, que se não arrependa Deus de nô-la ter dado.

Falando David do sacerdócio de Cristo, diz: *Juravit Dominus, et non pænitebit eum, tu es sacerdos in æternum*: “Jurou Deus, e não se arrependerá” de dar o eterno sacerdócio a seu Filho. Reparemos muito naquele *et non pænitebit eum*. Pois de dar o sacerdócio a seu Filho por natureza impecável, e tão santo e tão Deus como ele, se podia Deus arrepender?! Sim. Porque esse sacerdócio não só o havia Cristo de conservar em si, mas também o havia de comunicar, como comunicou aos homens: e aqui estava o perigo. Por isso o jurou, para que não se arrependesse: *Juravit Dominus, et non pænitebit eum*. Ó que desgraça tão horrenda e tremenda, se Deus se arrependesse! E maior desgraça ainda, se eu e algum outro tão indigno como eu desse motivos bastantes a este arrependimento! Neste caso (que Deus não permita) aquele caráter que é tão imortal como a mesma alma, se iria perpetuar com ela em outra eternidade, que não é a do Céu e da Glória. *Quam mihi*, etc.



www.poeteiro.com

DADOS BIOGRÁFICOS

O HOMEM

Vieira foi um homem “multidimensional”: sacerdote, diplomata, articulador político, missionário, teólogo. Nada pareceu estar fora da área do seu interesse. A exemplo dos grandes escultores medievais esforçou-se para fazer da sua vida uma imensa catedral, “para o maior louvor de Deus”, suspensa com as pedras da palavra, a gramática da fé e a sintaxe da prática. Enquanto outros utilizavam tijolos e argamassa, rochas esculpidas e vitrais, Vieira fez uso de substantivos, verbos e silogismos. O resultado é um colosso erguido sobre 15 tomos de sermões, conformando-se com mais de três milhões de palavras-pedras. Vieira, o “homem-catedral”, tem várias portas. Resta escolher como penetrar em um prédio tão magnífico que é sua a obra escrita há mais de três séculos. Eis o “imperador da língua portuguesa” como disse Pessoa.

Vieira viaja com a família para a Bahia e será na colônia onde passará a maior parte de seus dias no Brasil (52 dos 89 dos que viveu) e onde adquirirá seus primeiros conhecimentos formais, no então Colégio dos Jesuítas em Salvador. No Brasil, manifestará sua vocação religiosa e em maio de 1623, então com 15 anos, professa o noviciado na Companhia de Jesus e em 1634 obtém o mestrado em Artes.

No ano de 1634 Vieira recebe as ordens Sacerdotais e já em 1635 é encarregado da cadeira de Teologia do Colégio Jesuíta. Em 1640 ocorre o fim da União das Coroas Ibéricas, e D. João IV é aclamado rei de Portugal. Sem ter chegado a tempo essa notícia ao Brasil, Vieira proclama o Sermão pelo Bom Sucesso das Armas, evocando e elogiando o Rei Felipe IV da Espanha. Quando chega a caravela anunciando a revolução libertadora e o novo rei, Vieira, certamente como todos os moradores e o vice-rei, fica confuso, mas adere sem titubeio à nova situação.

Em 1641, D. Fernando Mascarenhas, o Padre Antonio Vieira e o Padre Simão de Vasconcelos, são enviados a Lisboa a fim de jurar obediência ao novo rei português, pelo Marquês de Montalvão. Nesse mesmo ano quando da Invasão Holandesa de Salvador, Vieira refugiou-se no interior do Estado, onde iniciou a sua vocação missionária. Um ano depois tomou os votos de castidade, pobreza e obediência, abandonando o noviciado. Não partindo imediatamente para as missões, aprofundou seus estudos de Teologia, Lógica, Física, Metafísica, Matemática e Economia. Após a Restauração da Independência (1640). Em 1641, iniciou a carreira diplomática pois integrou a missão que veio a Portugal prestar

obediência ao novo monarca impondo-se pela força de sua retórica e personalidade.

Foi então nomeado pregador real. Seu primeiro sermão (“Sermão dos Bons Anos”), pregado em Lisboa, no dia 1º de Janeiro de 1642, foi um sucesso absoluto. A partir daí, a disputa de lugares na igreja se tornou corrente a expressão “mandar lançar madrugada em São Roque”, devido ao ineditismo dos temas, o arrojo da abordagem e a clareza de seus conceitos. Em 1646 foi enviado à Holanda, no ano seguinte à França, com encargos diplomáticos com o objetivo de negociar junto aos Países Baixos a devolução do Nordeste. Esse episódio deixará duas marcas em sua história: o epíteto de “Judas do Brasil”, por ter sugerido que Portugal entregasse a colônia em troca de capitânias na África e o contato com os primeiros judeus, cristãos-novos, de quem se tornará um defensor e por quem será condenado pela Inquisição posteriormente.

Suas idéias pró-judeus não agradaram muito às elites e ao povo português. Após alguns conflitos acabou voltando ao Brasil e entre 1652 e 1661, atuou como missionário no Maranhão e no Grão-Pará, passando então à defesa enérgica da liberdade dos índios. Com a morte de D. João IV, seu amigo e protetor, voltou tornando-se confessor da Regente, D. Luísa de Gusmão. Com a morte de D. Afonso VI, Vieira não encontrou mais apoio nas cortes lusitanas.

Seu último período de atuação pública foi marcado pelas idéias utópicas (as profecias sebásticas e o Quinto Império) que fez com que entrasse em um perigoso conflito com a Inquisição. Com base em uma de suas cartas dirigidas ao bispo do Japão, em 1659, na qual expunha sua teoria do Quinto Império, segundo a qual Portugal estaria predestinado a ser a cabeça de um grande império do futuro, foi acusado de heresia e obrigado a comparecer ao Tribunal da Santa Inquisição.

É então expulso de Lisboa, desterrado e encarcerado no Porto e depois encarcerado em Coimbra, enquanto os jesuítas perdiam seus privilégios. Como consequência de sua defesa da causa indígena foi quase linchado e expulso pelos colonos do Brasil em 1661. Em 1667 foi condenado a internamento e proibido de pregar, mas seis meses depois, a pena foi anulada. Após voltar de Roma em 1671 passou a combater a influência da Inquisição e a união com os cristãos-novos que estavam sofrendo perseguição, mas não conseguiu persuadir a corte dessa vez.

Desiludido com a política palaciana decidiu voltar outra vez para o Brasil, em 1681. Sua partida de Portugal foi acompanhada de grande júbilo, tendo sido realizado inclusive um “auto de fé” em sua homenagem em que um boneco vestido com os trajes jesuítas foi queimado com gritos de: “Vieira, vendido aos judeus e quiçá judeu também ele!”

Em 1688 foi nomeado, então com 80 anos, visitador da Companhia no Brasil, cargo que cumprirá com dificuldades e determinação até 1691. Já velho e doente sofrendo as conseqüências de um intensa militância e de vários anos no cárcere afasta-se da vida pública, dedicou-se à tarefa de continuar a escrever suas obras, visando a edição completa em 15 volumes dos seus Sermões, iniciada em 1679, e a conclusão da *Clavis Prophetarum*, obra que considerava a mais importante de sua carreira. Em 1694, após cair de uma escada, perde a capacidade de escrever de seu próprio punho e em 10 de junho começou sentir a chegada da morte. Em 18 de julho de 1697, perdeu a voz, silenciaram-se seus discursos. Morria Vieira aos 89 anos de idade. Eis a história do homem Antonio Vieira, padre jesuíta do século XVII.

Fonte:

Rodson Ricardo Souza do Nascimento: "O púlpito como cátedra: retórica e educação nos sermões do Pe. Antônio Vieira: 1608-1697". (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência para a obtenção do título de Doutor em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. José Willington Germano). Natal, 2007.